

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES**

**MATHEUS MARINHO SILVA**

**OLÍMPIADAS NO BRASIL:  
análise netnográfica no Facebook de  
estudantes do curso de Educação Física**

**FORTALEZA-CE  
2017**

MATHEUS MARINHO SILVA

**OLÍMPIADAS NO BRASIL:  
análise netnografica no Facebook de  
estudantes do curso de Educação Física**

Trabalho de Conclusão de Curso II  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção de título de Licenciado em  
Educação Física pela Universidade Federal  
do Ceará, sob a orientação da Profa.  
Dra. Tatiana Passos Zylberberg.

**FORTALEZA-CE  
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S581o Silva, Matheus Marinho.

Olímpiadas no Brasil: análise netnográfica no Facebook de estudantes do Curso de Educação Física /  
Matheus Marinho Silva. – 2017.  
52 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação  
Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2017.

Orientação: Profa. Dra. Tatiana Passos Zylberberg.

1. Educação Física - Brasil, Nordeste. 2. Redes Sociais - Análise Netnográfica . I. Título.

CDD 790

---

Aos meus familiares e  
professores.

## SUMÁRIO

<b>QUADRO INTRODUTÓRIO .....</b>	<b>4</b>
<b>IMAGEM INICIAL .....</b>	<b>5</b>
<b>FLASHES DE LEGADOS.....</b>	<b>9</b>
<b>QUADRO EDUCACIONAL .....</b>	<b>14</b>
<b>QUADRO MIDIÁTICO .....</b>	<b>18</b>
<b>MOSAICO METODOLÓGICO .....</b>	<b>21</b>
<b>PRINTS DA INTERNET.....</b>	<b>27</b>
<b>ENTREVISTA/RETRATO FALADO .....</b>	<b>41</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

## QUADRO INTRODUTÓRIO

Esse trabalho investiga as postagens de estudantes de Educação Física na rede social Facebook sobre as Olimpíadas do Brasil em 2016. As Olimpíadas podem ser classificadas como um Megaevento Esportivo, por ter um grande alcance de público. Nessa pesquisa, faço um debate por três áreas: Legados, Educação e Mídia. Esses temas foram escolhidos de acordo com as leituras feitas durante a produção da pesquisa. Por serem os estudantes ingressantes em 2014.1 no curso de Educação Física quando iria acontecer um dos megaeventos esportivos (Copa do Mundo) e durante as olimpíadas já estariam com certa maturidade dentro do curso.

No momento das leituras de fundamentação teórica, passei por algumas fontes que me fizeram entender os megaeventos esportivos e, principalmente, o Legado deixado por ele, em aspectos diferentes que se completam. Dividi esses temas em três tópicos Flash de Legados, Quadro Educacional e Quadro Midiático. No primeiro capítulo, descrevo um plano geral sobre o tema legado de megaeventos esportivos, em especial, das olimpíadas. Depois, falo dos legados dentro das possibilidades educacionais desse evento. Por fim, faço um diálogo entre a mídia e o esporte tendo em vista a capacidade (de)formadora que há na programação dos meios de comunicação de massa.

Optei pela metodologia qualitativa do tipo *Netnográfica*. Inicialmente, descrevi o surgimento e a maneira como essa metodologia é utilizada em pesquisas voltadas para a análise de conteúdos da internet. Essa metodologia mostrou-se adequada para a coleta de dados. Interessante pensar às possibilidades que a pesquisa netnográfica tem, ao investigar os usuários da internet.

Na produção desta monografia, fiz a escolha de nomear “metaforicamente” os capítulos. A “imagem” tem grande importância em nossa sociedade para afirmar isso me referencio em Debord (2003, p. 14), que descreve a *Sociedade do Espetáculo* como sendo uma sociedade em que a relação social entre as pessoas é mediatizada por imagens. Também Dantas Junior (2013, p. 35) no seu trabalho *Espetacularização da escola: a Educação Física, o esporte e os megaeventos esportivos* há descrições de algumas “cenas” (como em um teatro), logo depois que descrevia a “cena” se “fechava as cortinas”. Creio que fazia isso com a liberdade poética de quem estava procurando mostrar a “espetacularização” por qual passamos na escola. Completando essa ideia de imagem que permeia o problema que foi levantado na pesquisa, temos que durante a

abertura das Olimpíadas do Rio 2016 as pessoas que compareceram ao estádio do Maracanã não foram as que tiveram a “visão mais ampla” do que aconteceu lá, pois parte do espetáculo foi feito com hologramas que só podiam ser vistos na transmissão da televisão. “No mundo *realmente invertido*, o verdadeiro é um momento do falso” (DEBORD, 2003, p. 16). Ou seja, o espetáculo supera o que é visto “ao vivo”.

Tendo em vista a relação imagem e espetáculo fiz a nomeação dos capítulos com a ideia de algo que remetesse a imagens, por isso, os nomes são: Quadro Introdutório, Imagem Inicial, Flash de Legados, Quadro Educacional, Quadro Midiático, Mosaico Metodológico, Prints da Internet e Entrevista/Retrato Falado. Considero essa decisão válida a partir da ideia de uma ciência na qual os pontos subjetivos sejam levados em conta na produção da pesquisa.

As olimpíadas geraram muito debate. Antes, durante e depois de sua realização. Nesse trabalho há alguns recortes de temáticas desenvolvidas a partir desse megaevento esportivo. Com as postagens dos estudantes do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará temos uma possibilidade de ver o que foi relevante para eles nas olimpíadas. Assim, entender um pouco sobre esse megaevento.

## IMAGEM INICIAL

Quando chegou o momento de fazer minha monografia, como trabalho de conclusão de curso, tive dúvida sobre o problema que deveria abordar, qual o referencial procurar, qual orientador (a), por onde começar? Olhei para mim e me perguntei: O que faz de mim um aluno do curso de Educação Física? O que faz de mim um futuro professor de Educação Física? Quais acontecimentos fizeram com que eu estivesse nesse lugar? Quando falo de lugar, me refiro “formando”. Então, olhei para o caminho feito. Revi outros eu(s) - outros Matheus, dessa forma, dei conta da admiração que eu tinha por professores e pelo Fenômeno Esportivo, mas, em especial, como o fenômeno surgiu por intermédio de uma “janela de vidro”<sup>1</sup>.

Ao assistir televisão (TV), eu conheci um mundo (aliás, há muitos mundos na TV, mas isso é tema para uma outra discussão). O mundo que falo é do Futebol, o orgulho nacional (ou não). Na TV, me foi apresentado tantos conceitos de futebol que não daria conta de lembrar todos, contudo, posso destacar que aprendi o termo “trivela” ou “três dedos” vendo o Roberto Carlos cobrar falta. E aí vão anos e anos “aprendendo” termos, entendendo regras, técnicas de cobrança de falta, estilos de jogo de cada jogador e de corte de cabelo (em 1998 eu também raspei o cabelo)<sup>2</sup>, e a cada ampliação do futebol - ou das transmissões de TV - eu via o aumento do meu consumo.

O fenômeno esportivo está ligado ao desenvolvimento da *Mass Mídia*. O esporte se adaptou ao consumo de massa e se tornou um produto – um dos principais – para as transmissões televisivas. Para se produzir um esporte para consumo de massa houve uma reconfiguração das suas características, para tanto se ganhou em rendimento e perdemos ludicidade.

Dentro desse contexto, que percebi o quanto as transmissões de jogos de futebol estavam entrelaçadas com a minha escolha profissional. Portanto, era isso que iria estudar, assim havia “descoberto” o que eu queria pesquisar. Já tinha um primeiro passo, ainda assim, não sabia como poderia abordar isso dentro de uma monografia, mas sabia que havia uma pessoa no Instituto de Educação Física e Esportes (IEFES) que poderia me ajudar, Profa. Dra. Tatiana Zylberberg, sabia que ela tinha um extenso estudo voltado para a mídia. Mezzaroba (2008, p. 13):

---

<sup>1</sup> Referência a tese de doutorado do prof. Mauro Betti defendida na Universidade Estadual de Campinas em 1997.

<sup>2</sup> Em 1998 muitos fãs de futebol raspam o cabelo para ficarem parecidos com o jogador Ronaldo que defendia a seleção brasileira na Copa do Mundo da França.



Mais recentemente, alguns autores, seguindo essa tendência de uma Educação Física mais crítica/reflexiva, passaram a considerar a importância das *mídias* (televisão, rádio, jornal, revista, cinema, internet etc.) no processo educativo/formativo dos indivíduos. Também é importante destacar algumas aproximações que vêm sendo feitas entre a Educação Física e as Ciências Humanas e Sociais (Comunicação, Psicologia, Sociologia, Antropologia entre outras), com o objetivo de permitir uma melhor compreensão daquele que é um dos fenômenos mais marcantes na sociedade moderna: *o fenômeno esportivo*.

O termo mídia já me inquietava, por isso, procurei por textos que correlacionassem esporte e televisão e encontrei a tese do Prof. Mauro Betti “A Janela de Vidro: esporte, televisão e Educação Física”. Com esses fatores, minhas vivências, os conhecimentos de uma professora próxima (e querida) e a visualização de que o tema já havia sido abordado, inclusive uma leitura que me instigou. Estava se estruturando este estudo.

Minha orientadora me apresentou ao LaboMídia<sup>3</sup>. Ao conhecer esse site percebi como os estudos sobre mídia e educação física criavam possibilidades de pesquisa. Debates sobre qual seria o foco de levantamento bibliográfico. Havia a preocupação de atingir um público-alvo do curso de Licenciatura, mas foi um problema rapidamente contornado devido à multiplicidade de linhas de estudo.

Impulsionar esse encontro para que se fomente uma discussão entre as áreas das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e a Educação Física produzindo pesquisas que dialogam com o atual faz com que nossa área aproxime-se das “transformações pelas quais a sociedade vem atravessando” (MENDES et al, 2009, p. 94).

O mesmo autor completa:

O esporte na mídia evidencia diferentes interesses, relações de poder, disputas econômicas e ideológicas que se desencadeiam a partir dessa interação desigual que apresenta o pólo emissor controlado pela indústria cultural. Mas como pensar no esporte e na mídia sob a nova dinâmica técnico-social da internet?

Fui entrando em contato com diferentes linhas de estudos que envolviam mídia, internet e Educação Física e, todos contribuíram para que se formasse uma linha de pensamento de envolver esportes e internet no meu estudo. Em um primeiro momento,

---

<sup>3</sup> Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. O site do LaboMídia é [www.labomidia.ufsc.br](http://www.labomidia.ufsc.br).

minha pesquisa se voltou para o futebol. Tentava estabelecer sua relação entre futebol e Indústria Cultural, por isso a tese de Scheila Espindola Antunes – “O país do futebol’ na Copa do Mundo: um estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares” (2007) - foi um estudo que me deu muitas referências nas quais poderia desenvolver uma linha de pesquisa. Nesse momento, questões sobre a pesquisa foram levantadas por mim e pela profa. Tatiana de como poderia ser feito um estudo sobre recepção midiática.

Antes que decidisse pela pesquisa de recepção, minha orientadora insistiu para eu ler a tese “Cultura e Tecnologia: netnografia com jovens futebolistas na Europa” de Ângelo Luiz Brüggemann (2015). Ao lê-la, conheci a metodologia da netnografia, e já considerei muito interessante e atual. Tive mais orientações e refleti sobre a possibilidade de se fazer o estudo netnográfico, então, o projeto seguiu um novo caminho, mas para adotar esta metodologia foi preciso maior aprofundamento.

As ideias amadureceram, posteriormente, li o trabalho do professor Silvan Menezes dos Santos (2014) sobre “Megaeventos Esportivos, Educação Física e Convergência Digital: consumo, circulação e produção por professores em formação inicial”. Os estudos dele fizeram justamente a convergência de tudo que eu havia estudado, porque havia uma correlação direta entre formação na mídia (Facebook) por atuantes na Educação Física (neste caso eram estudantes do curso de Educação Física em formação). Estas quatro principais leituras – Mauro Betti, Scheila Espindola Antunes, Ângelo Luiz Brüggemann e Silvan Menezes dos Santos – fortaleceram as bases do caminho a ser trilhado e me deu certeza da importância do assunto que estou tratando.

O ciclo iniciado pelo Brasil em 2007 com o Pan-americano, depois com a Copa do Mundo no ano de 2014, e, em 2016, o encerramento desse período com as Olimpíadas e Paraolimpíadas foi discutido nos espaços da educação física (DAOLIO, 2013, p. 125), (TAFFAREL et al., 2013, p. 58), (BRACHT; ALMEIDA, 2013, p. 140) (MASCARENHAS, 2012, p. 40). Tendo em vista esse cenário brasileiro, deparei-me com a problemática que me instigou a pesquisar.

Primeiro surgiu à ideia de estudar um grupo fechado do Facebook formados por alunos, ex-alunos e professores do IEFES quanto as suas postagens/curtidas/comentários sobre as Paraolimpíadas. Dois dias após a abertura dos Jogos Paraolímpicos não havia qualquer postagem desta temática e a motivação pela

pesquisa se fragilizou. Mas, a netnografia não foi descartada, então mesmo já tendo passado os Jogos Olímpicos decidi que utilizaria eles.

O ciclo dos megaeventos começou no Brasil com os jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro em 2007, houve ainda em 2013 a Copa das Confederações, a qual foi um evento teste para a Copa do Mundo do ano seguinte. Houve também os Jogos Mundiais Militares em 2011, além disso era previsto que a Copa América 2015 fosse realizada no Brasil o que não se concretizou (MASCARENHAS, 2012, p. 40). E em 2016 foram realizados dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos. Com a chegada desses megaeventos ao Brasil se criou um ambiente propício para o discurso em torno do legado social, cultural, de infraestrutura urbana e esportivo, sendo que, marcado pelos interesses políticos e econômicos, em que os valores são de investimento do meio público e dos patrocinadores chegam a casa dos bilhões envolvendo ainda a indústria midiática (SANTOS, 2014, p. 38).

Este trabalho netnográfico<sup>4</sup> com o objetivo de investigar as postagens na rede social - Facebook - dos alunos do curso de Educação Física ingressantes em 2014 com o objetivo de questionar o que os afetaram durante os Jogos Olímpicos realizados no Rio de Janeiro/Brasil em 2016.

As leituras de fundamentação somadas ao início da coleta de dados ajudaram a identificar uma “imagem” que se formava diante de mim. Minha orientadora ajudou a tomar decisões a respeito de como “criar” os caminhos da pesquisa. O Objetivo Geral deste estudo monográfico é:

- Analisar os discursos dos estudantes ingressos em 2014.1 no curso de Educação Física – Licenciatura – na rede social Facebook em relação a postagens sobre o evento das Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro

A partir desse Objetivo Geral definiu-se os seguintes Objetivos Específicos:

- Identificar as postagens sobre as Olimpíadas de 2016 na rede social Facebook no período de 15 de julho até 15 de setembro;
- Pergunta-los quais memórias afetivas as postagens relacionadas as olimpíadas criam neles.

---

<sup>4</sup> A netnografia é uma metodologia que será explicada no capítulo intitulado “mosaico metodológico”.

## FLASH DE LEGADOS

O ano de 2016 marca o fim do ciclo de megaeventos no Brasil, tendo este iniciado em 2007 quando o Brasil, por meio da cidade do Rio de Janeiro, sediou os Jogos Pan-americanos daquele ano. O ciclo contém ainda os seguintes eventos e megaeventos: Jogos Mundiais Militares 2011, Copa das Confederações 2013, Copa do Mundo FIFA<sup>5</sup> 2014, Copa América 2015, além dos Jogos Olímpicos 2016 – foco da nossa pesquisa – e Jogos Paraolímpicos 2016 - esses últimos são os megaeventos que iremos pesquisar (MASCARENHAS, 2012, p. 40). Dentre os eventos que Mascarenhas (2012, p. 40) destacou como estando na agenda de eventos que foram ou seriam realizados no Brasil, a Copa América 2015 acabou não sendo confirmada, pois essa foi realizada no Chile. Contudo, fica claro que durante um período de menos de 10 anos o país sediou 6 eventos internacionais, trazendo a atenção do mundo para Brasil, ao mesmo tempo em que internamente se discutia as vantagens e desvantagens desse ciclo em diferentes âmbitos da vida dos brasileiros. Então, em 2016 se encerrou no Rio de Janeiro – na mesma cidade onde se iniciou – a era dos megaeventos esportivos no Brasil com a realização da 31 edição do Jogos Olímpicos, e esse ciclo fomentou a grande circulação de uma palavra entre os discursos oficiais, conversas cotidianas, e claro entre as várias plataformas dos veículos midiáticos: Legado (DANTAS JUNIOR, 2013, p. 34). Sendo que os legados podem estar em diversas áreas de uma cidade entre sua estrutura de transporte aéreo, transporte urbano, educação, cultura, inclusive, esses dois últimos podem ser legados que ultrapassam os limites da cidade sede podendo se espalhar por todo o país.

As discussões sobre o assunto dos eventos estiveram em pauta na sociedade brasileira com os jornalistas, professores, acadêmicos, governantes e sociedade civil. Os Megaeventos Esportivos foram o tempo-espaço escolhido para as manifestações ocorridas no Brasil em 2013 e 2014. Havia outros assuntos a serem colocados nas reivindicações, porém os Megaeventos funcionaram tanto como holofote para as manifestações – por serem realizadas no entorno dos estádios – como os próprios gastos feitos para a construção ou reforma dos estádios eram questionadas pelos manifestantes, sendo isso bem claro diante de uma reivindicação/grito dos manifestantes. “ Queremos escolas e hospitais com PADRÃO FIFA!”. Portanto, os Megaeventos não foram uma unanimidade em relação a sua realização – ou pelo menos como estavam sendo

---

<sup>5</sup> *Fédération Internationale de Football Association*. Federação Internacional de Futebol que detém os direitos sobre a maior competição de futebol do mundo.

realizados, com altos custos de estruturas com a verba sendo paga pelo Estado e não pela iniciativa privada, que era o que havia sido dito que aconteceria em um primeiro momento. Conforme Mascarenhas (2012, p. 42), a Olimpíada do Rio de Janeiro 2016 teve apoio do Governo Federal para a sua candidatura, por isso é um Megaevento Esportivo do Brasil, assim, é preciso pensar o que fica para o país após a realização desse evento. Como ficaria o país caso aconteça com o Rio de Janeiro o mesmo que Montreal, a qual administra uma dívida impagável desde que realizou a Olimpíada de 1976 (DANTAS JUNIOR, 2013, p. 40).

Nesse capítulo, irei fazer uma avaliação sobre Megaeventos Esportivos e seus Legados, pois esse é o tema que gera todo o diálogo sobre os impactos causados em um município/estado/país na realização do Megaevento, ou seja, dito de outra forma “Olimpíada para quê? ”. Ao estudar o tema do legado deixado por eventos como a Olimpíada, percebi o quanto esse tema pode gerar implicações para se pensar sua organização. Existe um potencial enorme quando se consegue ser o escolhido pelo COI<sup>6</sup>. O legado pode ser separado em dois tipos tangível e intangível. O legado tangível são todas as estruturas físicas que podem ser contabilizadas em relação ao custo benefício, já o legado intangível são as mudanças culturais geradas a partir do evento (PONTYER, 2007 apud Mazo *et al*, 2008, p. 118). Os dois tipos são carregados de oportunidades de crescimento para a sede da Olimpíada. Contudo, uma gestão incorreta dos recursos pode gerar endividamento e estruturas sem utilidade para os seus habitantes (Elefantes Brancos) e ter um conteúdo vazio, ou seja, não acrescentar em nada em uma mudança de atitude positiva no âmbito da nação que sediou o evento esportivo.

O que temos com os dois tipos de legados é um que pode ser mensurado positiva ou negativamente, por meio da avaliação financeira de seu custo/benefício, por se tratarem de obras edificadas. No entanto, o outro é de cálculo mais complexo, é a formação cultural da população a partir daquele contato com evento, pois o mesmo se torna uma ferramenta de educação da população por causa da sua popularidade e estima por esse evento (RUBIO, 2005 apud RUBIO, 2014, p. 16).

O planejamento de um Megaevento é o “divisor de águas” para uma cidade, pois apesar de ser um Megaevento Esportivo a Olimpíada é breve. No entanto, possibilita a cidade sede um “start” cultural por meio da transformação cultural, por isso no projeto

---

<sup>6</sup> Comitê Olímpico Internacional. É ele que organiza e escolhe as cidades para sediarem as Olimpíadas.

Olímpico deve se pensar nas construções materiais, mas também na construção da subjetividade da comunidade da cidade/país (RUBIO, 2014, p. 16).

Haverá um capítulo Megaeventos Esportivos e Legado, nele o tema será tratado de forma generalizada sobre esses assuntos depois farei uma divisão do tema. Para Legado Educacional/Cultural. Também haverá um capítulo sobre a cobertura das Olimpíadas feito pela mídia. E o que fará o link entre os eles serão os Megaeventos Esportivos. Então, começaremos enquadrando o Legado fazendo a identificação do assunto que é tão ligado às Olimpíadas.

Filgueira (2008, p. 66) destaca que os Megaeventos Esportivos são uma oportunidade para as cidades se desenvolverem em diversas áreas como moradia, saúde, saneamento básico, educação, esporte, recreação, atividades culturais, empregos, serviços públicos e infraestrutura urbana, mas para isso é preciso que os direitos da sociedade sejam garantidos, ou então, não terá benefícios para as comunidades da cidade, talvez, vantagens financeiras para poucos. Para definirmos a palavra Legado, concordo com o que é posto por Mazo et al (2008, p.117):

Legado pode ser definido no senso comum como “algo que se recebeu”, ou melhor que “deixou a outrem ou a posteridade”. Nesse sentido, se pensarmos no legado que um megaevento esportivo “deixou à cidade que a recebeu”, constitui no que queremos chamar de legado na perspectiva de megaevento esportivo.

Almeida et al (2009, p. 186) afirma que os legados olímpicos seguem a lógica mercantilista de dar prioridade para a realização do megaevento (o gerador de lucro e propaganda para a sede), enquanto que o desenvolvimento deve ser a consequência do evento. A cidade do Rio de Janeiro, também teve que produzir um projeto que primeiro focasse a realização da olimpíada para colocar em segundo plano a cidade. Por isso, a despoluição dos lagos de Jacarepaguá não foi realizada “não era prioridade”, mas o parque aquático na Barra da Tijuca era essencial para o evento.<sup>7</sup>

Enquanto que há diversos gastos em infraestruturas, não se percebe empenho por parte do governo no sentido de promover políticas públicas para as comunidades (DARIDO et al. 2014, p. 163-164). Para Roche (2000) apud Darido et al. (2014, p. 164):

---

<sup>7</sup> Retirado do site do UOL 0, <http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/10/14/apos-olimpiada-obras-de-legado-param-no-rio-de-janeiro.htm>

Os megaeventos são, na verdade, eventos em larga escala cultural, cujas características compreendem tanto a dramaticidade em sua realização quanto o apelo popular massivo e a significância em âmbito internacional. Por tamanha magnitude, torna-se fundamental compreender os possíveis impactos de sua realização, em todos os âmbitos da sociedade.

O que foi feito pelo Estado foi um amontoado de construções que não produz um futuro de formação esportiva para a população, ou seja, não foram pensados com visão para longo prazo. Após obras inacabadas e outras nem começadas entre outros problemas ocorridos fizeram com que a imagem passada do país para o mundo fosse muito ruim. Um dos piores legados que essa Olimpíada gerou foi uma imagem não favorável do Brasil. Com legados que são mais para impressionar do que melhorar o meio urbano para a população só o que sobraram foram “flash” do que poderia ter sido.

Diante disso, passamos aos próximos assuntos colocados em pauta pelo agendamento midiático nacional, os quais, o quadro da educação esportiva que poderá mudar com ideias trazidas pelos Megaeventos Esportivos e depois como foi a atuação da mídia em torno do evento das Olimpíadas.

## QUADRO EDUCACIONAL

Os megaeventos esportivos têm como característica marcante a sua grandiosidade, por isso possuem a possibilidade de alcance quase que global de espectadores. Apesar de uma Olimpíada ter apenas uma sede, a mesma não é considerada apenas do “Rio de Janeiro”, ou de “Atenas”, ou de “Pequim”, mas sim do Brasil, Grécia e China, pois esse evento traz os “olhos do mundo” para todo o país (MASCARENHAS, 2013, p. 42).

Legados tangíveis são feitos para melhorar as estruturas físicas da cidade, por isso são limitados no alcance apenas aos moradores da cidade ou de uma região dela. Contudo, os Legados intangíveis possuem a capacidade que ultrapassa a zona da cidade sede, porque há nas Olimpíadas um inegável poder Simbólico, Econômico e Cultural<sup>8</sup>, isso devido o esporte de alto rendimento ter características que fazem dele um fenômeno que muitas vezes tem uma adesão tão apaixonada (BRACHT; ALMEIDA, 2013, p. 137-138).

Dantas Junior (2013) nos faz atentar para questionamentos gerados a partir da ideia do legado dos megaeventos esportivos. Ele coloca em questão “o que podem os megaeventos esportivos acrescentar à formação das crianças e jovens brasileiros? ”, e também, “sobretudo, como a escola, já por demais espetacularizada, e a Educação Física se inserem nesse debate? ”. Bracht e Almeida (2013, p.138):

Muito já se escreveu e discutiu sobre as razões dessa capacidade de adesão e mobilização, contudo, o que importa aqui é destacar que esse potencial impacta a Educação Física Escolar, identificada como um componente curricular responsável por esse elemento da cultura. Assim, não só os dirigentes do próprio sistema esportivo, mas também políticos de uma maneira geral, administradores públicos (da área da educação ou não), pais e alunos acabam por associar a Educação Física Escolar ao fenômeno esportivo a partir da visão hegemônica de esporte na nossa cultura.

A influência criada durante um Megaevento Esportivo tem grande alcance. E no país que será a sede se cria uma expectativa na população e esse momento pode (e deve) ser usado pelos professores como geradores de discussões sobre a Cultura, por exemplo. A escola pode atuar de forma a utilizar a reflexão gerada durante os megaeventos para

---

<sup>8</sup> Adicionei o Cultural na citação por considerar que são quase que inseparáveis essas três dimensões.



desempenhar o seu papel, o qual quero descrever por meio do que diz Daolio (2013, p.126):

A escola é uma instituição que tem por finalidade a sistematização, organização e transmissão de um conhecimento criado historicamente pelos seres humanos e que deve ser útil para os alunos, a fim de que eles sejam inseridos no universo da vida cultural humana, tenham melhores oportunidades, possam desenvolver toda a potencialidade humana e acessar à condição de cidadãos.

O que a escola tem desempenhado na área da Educação Física Escolar não é o que foi descrito acima por Daolio. O que tem sido preconizado como política esportiva pelo governo brasileiro é a Pirâmide esportiva. Esta política foi muitas vezes criticada por não trabalhar a formação dos estudantes, já que o que ela procura é quantidade de praticantes para dessa forma “descobrir atletas” para o esporte.

Desde a década de 1970, o Brasil procura por “talentos esportivos” por meio da política da Pirâmide Esportiva (BRACHT; ALMEIDA, 2013, p. 133). Na década de 1960 e 1970 quando se deu “os momentos mais duros” do governo militar no Brasil, e foi feita uma forte política nacionalista. Segundo Betti (2009, p. 19-20) a chegada dos megaeventos esportivos ao Brasil tornou a discussão a respeito de projetos para a Educação Física estes vinculados na mídia, então vemos a Educação Física Escolar sendo falada em grandes meios de comunicação, mas se referindo a ela como sendo o local onde se produz a base da Pirâmide esportiva, sendo lá que se irá descobrir os novos “talentos”. Esse modelo de procura pelos “raros talentos” não é apoiado por diversos autores, mas continua presente na escola.

Se considera que os Jogos Olímpicos (os megaeventos de forma geral) trazem para as aulas de Educação Física características hegemônicas do esporte de rendimento. Dessa forma, acaba por dar direção na orientação pedagógica das escolas (TAFFAREL et al. 2013, p. 59). O esporte da escola – muitas vezes – funciona como a reprodução do Esporte Espetáculo no ambiente escolar, por isso se diz que a escola está “espetacularizada”<sup>9</sup>.

Betti (1991, 2009) citado por Betti (2009, p.21) descreve os problemas do modelo de Pirâmide esportiva:

Ademais, a escola brasileira não possui tradição histórica, nem recursos humanos ou infraestrutura para ser pensada como

---

<sup>9</sup> Espetacularização da escola: a Educação Física, o esporte e os megaeventos esportivos (DANTAS JUNIOR, 2013). Citado na página 18.

centro ou base de formação de atletas, como tanto desejam alguns políticos. Daí o fracasso do “Modelo Piramidal” da Educação Física/Esporto concebido durante os governos militares entre as décadas de 1970 e 1980 no Brasil.

Para o Barão de Coubertin, idealizador das Olimpíadas da era moderna, a educação deveria estar alinhada a um educador capaz de educar corpo e mente, além disso ele via no espírito olímpico da competição um catalisador para a “competição leal, culto ao corpo e atividade física controlada” (DANTAS JUNIOR, 2013, p. 42). A realidade que vemos nos atletas profissionais é muitas vezes diferente das preconizadas pelo Barão de Coubertin, tanto em relação há competição leal como ao cuidado com o corpo.

Se pegarmos como exemplo “a capacidade do esporte de tirar os jovens do mundo das drogas” entra em dúvida devido não existirem avaliações bem conduzidas que comprovem isso por meio dos programas esportivos que realizam tal propaganda (BRACHT; ALMEIDA, 2013, p. 134). Ainda os mesmos autores destacam que o doping é constantemente encontrado sendo utilizado pelos atletas, o que não condiz com as práticas de jogo limpo que são as ideias que o espírito Olímpico defende.

Há que se pensar os legados (bons e ruins) que os megaeventos esportivos podem trazer para as aulas de Educação Física escolar, pois é um momento ímpar que devemos utilizar para refletir sobre nossa área de atuação. Para isso, poderíamos conseguir melhorias de condição de trabalho como na formação continuada de professores, estrutura e materiais escolares, projeto de desenvolvimento de aulas, além de outras demandas, assim como, a própria utilização do conteúdo Megaeventos Esportivos para ser tratado pedagogicamente nas aulas de Educação Física escolar (DARIDO et al, 2014, p. 185 Há muita necessidade de legado educativo para a todos os brasileiros, inclusive nossa torcida é um termômetro.

Vejamos a cena descrita por Dantas Junior (2013, p.39):

Arena de disputa das provas de Ginástica Artística nos Jogos Pan Americanos de 2007, Rio de Janeiro. A cada apresentação de uma ginasta brasileira ouvia-se em todo ginásio um vozeirão sufocando os demais sons: “vai Brasil!”, “sou brasileiro, com muito orgulho, com muito amor!”. Até aí nada de mais, mais um torcedor entusiasmado. A cada ginasta de outro país que corria para o salto sobre a mesa, o mesmo vozeirão vaticinava: “vai cair argentina!”, “vai cair americana!”, “vai cair mexicana!”. A exaltação só cessou quando as atletas de ginástica da seleção brasileira dirigiram-se até o senhor e solicitaram silêncio, sobretudo respeito às colegas em competição.

A cena descrita foi em 2007, contudo, em 2016 vimos durante a competição de salto com vara a torcida brasileira vaiar o atleta francês que competia na final com o atleta brasileiro Thiago Braz. Anos e competições diferentes, porém dois casos que nós brasileiros demonstramos nossa falta de educação.

De forma geral, não há legado para o que é mais importante para um país, ou seja, “a formação cultural de seu povo”, pois o Estado brasileiro não criou uma política de democratização do acesso ao esporte, ainda menos a formação da juventude na prática universalizada (DANTAS JUNIOR, 2013, p. 41).

A Olimpíada do Rio de Janeiro teve sua visualização por meio da produção do evento feito pela mídia brasileira. Tendo em vista que a sociedade é influenciada (e influencia) a mídia, é relevante que os professores tenham uma formação que dê o mínimo entendimento sobre o tema. No próximo capítulo, farei uma análise no próximo capítulo sobre megaeventos e mídia.

## QUADRO MIDIÁTICO

Um ponto importante quando se fala sobre esporte na atualidade é a sua ligação com a mídia, por isso considere importante fazer o estudo desse assunto para que se falasse sobre olimpíadas. Inclusive, a mídia esportiva é a principal inspiração deste trabalho<sup>10</sup>. As transmissões esportivas já aconteciam no rádio, depois passaram para a televisão, sendo que agora estão ao pouco migrando para o principal produtor de canais da internet Youtube<sup>11</sup>. O Esporte e a mídia formam um vínculo, criam uma relação *simbiótica*, pois assim podem gerar mais lucro para ambas as partes (FREITAS FILHO, 1985 apud MAZZARROBA, 2014, p. 119).

O que significa mídia? Essa palavra deriva do Latim *Media*, significa *meio*, está associada à comunicação, por isso é designada como os aparatos de comunicação em geral (PIRES, 2005, apud TONETTI, 2009, p. 28). Mais do que isso, a mídia se comporta como uma indústria, essa sendo a produtora e vendedora de “mercadorias” ou bens culturais para o consumo (PIRES, 2002, apud HACK, 2005, p. 79). A união da Indústria Midiática com o Esporte de Rendimento produz o e os Megaeventos Esportivos. Adorno e Horkheimer (1985) apud Ribeiro (2005, p. 43) nos diz que Indústria Cultural (IC) é o processo da banalização da cultura e difusão na mercantilização. Essa banalização acontece com os Megaeventos Esportivos, dos quais, eu destaco as Olimpíadas. Se analisarmos o que é dito por Adorno e Horkheimer, fica claro perceber como a difusão feita para a comercialização das Olimpíadas causou o afastamento dos valores preconizados nas primeiras Olimpíadas da era moderna, ou seja, sua banalização.

O esvaziamento de valores produzido pela mercantilização de eventos culturais acarreta na transformação da sociedade, que antes era formada por comunidades culturais para consumidores de produtos, ou seja, uma sociedade do consumo (ANTUNES, 2007, p. 69). Pode se dizer que os “valores” ainda existem, porque as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro custou ao Brasil cifras na casa dos bilhões. Contudo, em muitas transmissões esportivas percebemos a falta de educação da torcida brasileira. Como as “cenas” colocadas no “Quadro Educacional”.

O esporte é uma possibilidade de ferramenta na formação de crianças e jovens, mas posto com as características de padronização feitas pela IC, tal seja, uma cultura de

<sup>10</sup> LaboMídia: Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva.

<sup>11</sup> <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol.clubes-rompem-com-a-globo-e-classico-sera-transmitido-no-youtube.70001670310>. Visualizado em 02/06/17 às 08:26.

massa que produz para a reprodução e venda, eventos que antes eram parte da cultura popular, agora são um produtos no mercado (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, apud RIBEIRO, 2005, p. 43). Quem faz o processo de propaganda e venda (em grande parte) é a mídia. Por isso, ela tem uma participação importante dentro da produção da cultura de massa. Com isso, temos muita informação, mas sem reflexão sobre o que mostrado para o público. O excesso de informação e a carência de esclarecimento provocam a reprodução de seres não emancipados, assim “transformam repetição em reconhecimento e reconhecimento em aceitação” (HACK, 2005, p. 81).

O produto criado pela IC funciona como uma aparelhagem econômica que produz pressão permanente sobre tudo, principalmente, no trabalho, mas também em todas as esferas da vida, caracterizando um processo pseudoformador no âmbito das culturas, o que é chamado de *semicultura* (ADORNO, 1996, apud ANTUNES, 2007, p. 70-71). A evolução da IC e o “subproduto” da semicultura deu origem ao o que é chamado de *A Sociedade do Espetáculo*.<sup>12</sup> Kehl (2004) citado por Antunes (2007, p. 78): entende que a tese da Sociedade do Espetáculo fez com que as ideias de Adorno e Horkheimer fossem renovadas e passassem por uma evolução, assim Guy Debord fortaleceu o conceito de *Indústria Cultural*.

Mas a que se refere o conceito de Sociedade do Espetáculo? Guy Debord tenta demonstrar como toda a sociedade contemporânea está envolta em um ar de representação do real, porque não vivemos o “real”, mas o espetáculo do que seria ele. Debord (2003, p. 13):

Toda a vida das sociedades das quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação.

A de produção cultural da *Sociedade do Espetáculo* é voltado para o entretenimento. Por isso, a programação não tem espaço (com raras exceções) para programas críticos que façam o público pensar.

Podemos chamar de *Agendamento*, a análise e circulação do que deve ser destacado como importante, assim como o discurso usado nesse processo (BORELLI & FAUSTO, 2002 apud MEZZARROBA, 2014, p. 120). O *Agendamento* faz parte do conceito da hipótese de *Agenda-setting*, no qual o termo *agenda* refere-se a pauta,

---

<sup>12</sup> *A Sociedade do Espetáculo* – Guy Debord.

ordem do dia; e *setting* é: arranjo, disposição, relação entre elementos que não é visual. Da mesma hipótese vem a ideia de *Agenda* (MEZZARROBA, 2008, p. 36).

Dentro da hipótese do *Agenda-setting* se entende que a mídia deve procurar – mais do que “dizer” “como” o público deve pensar – influenciar “o que” devemos pensar (FERREIRA, 2005 apud MEZZARROBA, 2008, p. 35). Essa influência ocorre na programação disponibilizada pelas diversas mídias, que é a *ordem do dia*, ou seja, “assuntos da agenda do público (MEZZARROBA, 2008, p. 35).

Nas Olimpíadas do Rio de Janeiro 2016, percebemos dentre as imagens colocadas em análise – Flash de Legados, Quadro Educacional e Quadro Midiático – que o Quadro Midiático conseguiu se destacar justamente por envolver os outros dois. O espetáculo não se separa do evento esportivo, pois a produção do evento pela mídia já transformou o estádio em um “pseudo-palco” (inclusive se torna literalmente um palco durante a festa de abertura e encerramento das Olimpíadas). Isso não ocorre atoa, pois, o produtor, o distribuidor e o crítico do espetáculo é o mesmo: a *Mass Midia*.<sup>13</sup> Para vender o entretenimento para o grande público é feita uma produção de alta qualidade, uma propaganda massiva e excepcional, contudo quando ocorrem problemas dentro da construção do espetáculo se faz uma crítica superficial. É atribuído ao espetáculo valores que o cercam e o blindam de qualquer possibilidade de questionamento da sua realização, ou seja, apesar de tudo o que ele cause – como a desapropriação de centenas de pessoas para a construção de um estádio – o evento deve ser realizado. Sua “grandiosidade” é um fim nela mesma.

As Olimpíadas é um espetáculo. Desde os momentos marcantes, durante a guerra fria, do Ursinho Misha chorando durante a festa de encerramento nas Olimpíadas de Moscou em 1980, e Homem com uma mochila a jato voando sobre o estádio na abertura das Olimpíadas de Los Angeles em 1984 que pode se dizer que os estádios esportivos se tornaram “palcos”. Nas Olimpíadas do Rio 2016 foi adicionado mais o avanço na produção do espetáculo, afinal a dimensão das imagens se expandiram a um ponto em que transbordaram o estádio do Maracanã. A abertura foi feita com imagens digitais projetadas e das arquibancadas não era possível vê-las, mas só na transmissão da TV. O que mostra a caminhada para o distanciamento do real do qual Debord nos alertou.

---

<sup>13</sup> Meios de comunicação de massa.

## MOSAICO METODOLÓGICO

A palavra metodologia, etimologicamente, vem do grego *méthodos*, que significa meta, objetivo ou finalidade, mas que aqui tem o sentido de maneira, forma de fazer algo, como se faz; já *hodos* é caminho ou direção, destarte, a metodologia é o estudo do melhor caminho para realizar uma ação. Quando se referir metodologia científica ou metodologia da pesquisa está se falando do estudo da ação científica, ou seja, estudo da pesquisa científica (CAJUEIRO, 2012, p. 13). Entre as metodologias existem duas variantes principais: as pesquisas qualitativas e as pesquisas quantitativas. Para este estudo optei pela primeira, porque considero que a pesquisa necessitava desse tipo de metodologia devido ao carácter e cunho do estudo.

A pesquisa qualitativa surgiu como uma resposta às preocupações da epistemologia fenomenológica, por causa da crítica que esta fez a objetividade – encontrado nas pesquisas das ciências naturais – ao considerar a subjetividade como requisito para a pesquisa em ciências humanas, tal pesquisa coloca em destaque o *significado* das ações humanas. Assim, este não era um fenômeno considerado nas ciências naturais, por isso se considera essa uma crítica ao objetivismo das ciências (MINAYO, 1996 apud SZYMANSKI 2004(b), p. 356). Não se quer dizer com isso que pesquisas de cunho objetivo não é válido, contudo há outros aspectos para serem estudados.

Após as críticas, a metodologia objetivista de cunho positivista na década de 50, ocorreu o desenvolvimento de novas estratégias de coleta e análise da pesquisa, com isso se produziu uma reformulação do paradigma positivista e da sistematização do paradigma qualitativo (SZYMANSKI, 2004(b), p. 356). Apesar de já ocorrerem críticas a ciência convencional devido a sua métrica que só considera os dados com possibilidade de contabilização objetiva há quase 70 anos, ainda há muito para se mudar.

Armstrong (2011, p.277) faz a defesa de uma ciência diferente da atual:

A ciência inevitavelmente desconsidera o que não pode explicar como “subjetivo” e o desacredita por sua falta de validade empírica. Entretanto, essa dita subjetividade, ou consciência, é realmente a base de qualquer tipo de investigação, seja científica ou de outra natureza. Quando René Descartes, o filósofo francês e pioneiro do racionalismo moderno escreveu “penso, logo existo”, estava tentando criar uma base estável para ser seguida por toda a investigação racional, mas deixou de perguntar: “Quem é esse ‘eu’, para começo de conversa? ”. Em outras palavras, ele partia do pressuposto de que esse primeiro “eu” era algo dado, sem prová-lo racionalmente[...] A ciência convencional consegue

nos explicar o que vemos quando olhamos para fora no mundo, mas se esquece com muita frequência de que sempre há alguém presente fazendo o trabalho de olhar, com um estado de consciência singular. E quem é esse alguém? Quem é esse “eu” que Descartes postulou sem refletir, no começo da era científica?

Os estudos contemporâneos procuraram cada vez mais tornar as pesquisas apropriadas para a atual conjuntura social. Com o desenvolvimento de pesquisas que levassem em conta a subjetividade do ser, se desenvolveram novas práxis metodológicas. Uma delas foi a etnografia. Para explicar melhor o que seria o estudo netnográfico que utilizarei na pesquisa, descreverei de onde ela deriva por meio dos estudos etnográficos de Geertz citado por Brüggemann (2015, p.33), que explica a etnografia, como:

A etnografia não é apenas um levantamento de dados, mas sim uma análise e interpretação das relações e significados sociais que ali se delineiam, de forma que somente através da interpretação das interpretações que se pode alcançar uma ‘descrição densa’ dos fatos, pois a prática etnográfica se dá ao ‘estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter diário e assim por diante’, com o intuito de interpretar o ‘fluxo do discurso social e realizar relações para tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis.

Da etnografia se desenvolveu a Netnografia com o objetivo de utilizar ferramentas etnográficas no mundo virtual da internet. Está é uma ferramenta para os atuais estudos de ciências humanas que funciona como nova possibilidade de metodologia para observar “caracterizações específicas da contemporaneidade” (ROCHA e MONTARDO, 2005 apud BRÜGGEMANN, 2015, p. 33-34). Isso devido ao fato do ciberespaço estar disseminado na sociedade, por isso faz parte do que praticamos em nosso dia a dia (BRÜGGEMANN, 2015, p. 34).

Amaral et al. (2008, p. 2) afirma que o termo netnografia - um neologismo - é usado mais frequentemente por estudiosos da área do marketing e administração, enquanto os antropólogos e os cientistas sociais preferem referir-se como etnografia virtual. O mesmo autor (p. 2) cita Braga (2001), que afirma e infere que, netnografia foi citada a primeira vez por um grupo de pesquisadores norte-americanos ao descrever em sua metodologia desafiadora: “preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para ‘seguir os autores’”.

Etnografia (que é a abordagem antropológica que originou a netnografia) foi criada como metodologia para estudos de cunho antropológico, para dar suporte ao



pesquisador que queira fazer um “trabalho de observação a partir da inserção em comunidades”. Dessa forma, ele entra em contato intersubjetivo com o objeto de pesquisa (AMARAL *et al*, 2008, p. 3). A netnografia seria como uma atualização da etnografia para o mundo virtual, sendo essa atualização muito apropriada, pois as TICs permeiam a nossa sociedade. Enfim, esta pesquisa é um estudo qualitativo de metodologia com base netnográfica, o qual seja voltado para as novas Tecnologias da Informação e Comunicação – TICs.

A netnografia deriva da etnografia, a qual é uma metodologia que foi criada por antropólogos devido sua busca por uma epistemologia que pudesse dar ferramentas para as pesquisas por eles desenvolvidas. Assim, a etnografia se caracteriza por um estudo em que o pesquisador entra em profundo contato com determinado mundo/povo para em um certo período de tempo observar as relações sociais, signos, códigos, símbolos para assim formar um quadro do recorte realizado daquele mundo, “com o objetivo de dar sentido às pessoas, quer esse sentido seja por suposição ou pela maneira implícita em que as próprias pessoas dão sentido às suas vidas” (CRISTINE HINE, 2000 apud AMARAL *et. Al.*, 2008, p. 3). Então, a netnografia surge como uma atualização da etnografia para rede mundial de computadores como forma de se fazer uma imersão nesse mundo e produzir estudos com a leitura dos dados coletados na rede.

Com a imersão na rede social dos sujeitos da pesquisa nos deparamos com o compartilhamento de uma vida, pois lá há o compartilhamento dos momentos vividos (BRÜGGEMANN, 2015, p. 35). A investigação da vida *Online* se faz interessante, por causa da nova dimensão que se depara a vida, principalmente, social dos indivíduos contemporâneos.

Utilizando as possibilidades de estudos gerados pela via netnográfica, considere que poderia investigar a turma do 6º semestre do curso de Educação Física da Universidade Federal do Ceará. Considerando os alunos que ingressaram em 2014.1 como uma comunidade que se forma pela ligação entre os estudantes do mesmo período. Para investigar a visão dos sujeitos da pesquisa, farei um levantamento e análise das postagens na rede social Facebook, as quais tenham relação com o megaevento esportivo realizados no Brasil: Jogos Olímpicos - Rio 2016. O recorte será a partir de 15 dias antes e 15 dias após o encerramento das Olimpíadas, onde farei uma investigação no perfil dos usuários do Facebook procurando por postagens relacionadas ao evento citado. Também farei a mesma observação em relação ao que é postado por

outros usuários na *timeline* do perfil dos investigados. Com esses dados farei uma análise do que estes sujeitos postaram sobre as olimpíadas sobre este megaevento.

Os sujeitos da pesquisa são estudantes do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Ceará ingressantes em 2014.1. Destarte, possíveis concludentes em 2017.2. Interessante a investigação com esses alunos, porque eles iniciaram sua graduação bem no momento em que iria acontecer um dos principais megaeventos esportivos aqui no Brasil, a Copa do Mundo. Já estão no sexto semestre, tendo cursado – caso tenham cumprido com a carga horária regular nesse período – mais de 50% (cinquenta por cento) das disciplinas obrigatórias. Já passaram por diversas disciplinas que podem ter dado suporte para uma leitura dos jogos Olímpicos. Na organização dos dados coletados, criei pastas digitais para arquivar as postagens de cada participante da pesquisa, armazenarei os *Prints* das postagens originais, dessa forma, poderei visitá-las sempre que necessário e fazer releituras dos dados.

Amaral et al (2008, p. 5-6) destaca que junto da metodologia netnográfica outros aportes teórico-metodológicos são importantes para que se faça uma leitura mais densa da realidade observada - neste caso, *realidade virtual*. A observação dos autores citados acima acontece por causa da importância da netnografia ser realizada com o “aprofundamento” da *realidade* do sujeito. Por isso, em um segundo momento da pesquisa, farei entrevistas individuais com os participantes os quais possuem postagens mais relacionadas ao estudo, sendo um segundo critério, a quantidade de curtidas, comentários e compartilhamentos dado a importância segundo essa ordem, porém os comentários terão uma leitura mais detalhada para que se verifique a sua relevância.

O suporte teórico-metodológico escolhido para a entrevistas é: *Entrevista Reflexiva*. A escolha foi feita com base na construção de um trabalho qualitativo, assim, esse método se destaca na importância que considera “no valor atribuído às vivências do sujeito, bem como minha compreensão, vivências e intenções” (BEZERRA, 2012, p. 22).

Entrevista é supostamente um momento de encontro entre duas pessoas em que uma delas irá coletar informações a respeito da outra ou de um assunto específico por intermédio de uma conversa profissional ao entrevistador verbalmente (LAKATOS, 1993 citado por SZYMANSKI, 2011, p. 10). Contudo, trabalharemos com a perspectiva de que ao fazer uma entrevista “face a face” estamos lidando com o conflito que se gera a partir dos preconceitos, expectativas, sentimentos e todos embates de ideias que possam surgir da interação humana entre os representantes dos papéis de entrevistado e

entrevistador (SZYMANSKI, 2011, p. 11). No entanto, a *Entrevista Reflexiva* considera no momento do diálogo dos sujeitos da pesquisa uma série de fatores que em outras modalidades de entrevista não são considerados, para assim, identificar os significados do discurso que não foram expostos em palavras, por isso uma investigação do material subjetivo da entrevista. Szymanski (2011, p.15) explica o que se considera chamar por *Entrevista Reflexiva*:

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou essa proposta de entrevista, a qual chamamos de *reflexiva*, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto pela a busca de horizontalidade.

Na *Entrevista Reflexiva* um ponto que se destaca também é a procura de um diálogo com “horizontalidade”, ou seja, o encontro deve ser agradável para ambas as partes e até certo ponto descontraído, pois se evita que ocorram jogos de relação de poder entre entrevistador e entrevistado. Essa busca é feita na tentativa de uma entrevista humanizada. Para se conseguir uma humanização dentro da pesquisa é preciso que se respeite certos valores na construção da pesquisa como fazer um exercício de *escuta* durante o diálogo, tendo essa escuta o objetivo de estar aberto ao que é dito fazendo assim uma compreensão do outro como ser igual – semelhante (HEIDEGGER, 1988 apud SZYMANSKI, 2004(a), p. 172). Com o exercício de escuta ficamos aptos para *ouvir*, desta forma, entendemos o ouvir como não ir contra ao que o outro diz, ou seja, não resistir, retrucar ou desconsiderar o que o dito pelo entrevistado (idem). No ouvir podemos *silenciar*, e então compreender o que é dito sem que fiquemos mudos, pois só o verdadeiro silenciar é capaz de ter algo a dizer, para assim fazer verdadeira presença na entrevista (idem).

Szymanski (2011, p. 91) esclarece que em diversos estudos procura-se por uma padronização ao se realizar a cada fase da pesquisa, porém em “trocas interpessoais” não é possível se produzir tal regra de pesquisa, pois cada participante da pesquisa é ímpar, por isso, “trocas interpessoais são embates intersubjetivos, e a situação de entrevista não foge dessa condição”. O momento da entrevista com os participantes selecionados será importante, porque será onde se fará o diálogo entre pesquisador e pesquisado para que se descubra se o que foi entendido no momento da leitura netnográfica condiz com as intenções do internauta. Esse complemento se faz

necessário diante da concepção dada a pesquisa e da importância dada a comunicação. Numa situação de diálogo se encontra o momento de “ação-reflexão”, como algo em movimento que tenta “refletir sobre o vivido”, mas que no caso dessa pesquisa é a compreensão do que foi escrito (na *timeline* do Facebook) (FREIRE, 1983 apud SZYMANSKI, S/D, p. 2).

Seguindo a ideia desse mesmo autor, vemos que o movimento de entendimento no diálogo se faz em umas práxis, a qual se torna possível por intermédio da ação no mundo por meio da conscientização ativa do homem, para assim chegar a uma intercomunicação e intersubjetividade com o objetivo da educação entre os homens, sendo a mesma “mediatizada pelo mundo”. Por esses motivos, procurei na entrevista reflexiva um auxílio epistemológico que fortaleça as bases da pesquisa.

## PRINTS DA INTERNET

Ao escolher os ingressantes no semestre 2014.1 não tinha qualquer conhecimento sobre essa turma, ou pelo menos achava que não tinha. Por não saber quem eram os estudantes que faziam parte desse semestre não sabia que já havia feito disciplinas com alguns deles. Só quando consegui uma relação com os nomes dos integrantes dessa turma e dei início a coleta de dados que me dei conta que conhecia alguns deles, apesar de serem poucos que tinha em meu próprio Facebook.

A lista dos participantes dessa turma – recebi da profa. Tatiana – contém 43 (quarenta e três) estudantes. Essa lista foi muito importante, pois há nela o nome completo de todos e a foto da maioria deles. Durante a pesquisa, procurei pela página no Facebook de todos. Contudo, alguns não foram encontrados. A maioria da turma foi encontrada, porém apenas 10 (dez) integrantes tiveram postagens relacionadas as Olimpíadas no período determinado na pesquisa.

Para realizar a coleta das postagens dos estudantes, fui a procura de seus perfis no Facebook utilizando seus nomes, com isso, fiz identificação pelas fotos dos que possuíam esse recurso na lista da turma. Já para os que não tinham a identificação por foto fiz o reconhecimento por meio das fotos que possuíam com pessoas da sua turma, pois eles haviam postado fotos com alguns membros da turma reunida. Também pesquisei se os “amigos” no perfil condiziam com participantes daquele semestre. Após a identificação era o momento de investigar a *timeline*.

O Facebook pode ser considerado como um “diário digital”, mas não é necessário “escrever” (postar) algo sobre sua vida diariamente. Na *timeline* (ou mural), do perfil do usuário, fica registrado o que foi postado, como uma foto, texto escrito, link compartilhado, vídeo, enfim, os posts do usuário e também o que outros usuários – sendo esses amigos entre si – postam no perfil uns dos outros. Ou seja, há uma “linha do tempo” onde fica registrado tudo o que é postado pelo usuário – um diário da “vida virtual”.

Verifiquei na linha do tempo dos estudantes as postagens que datam do dia 15 de julho indo ao dia 15 de setembro de 2016. Os sujeitos da pesquisa não faziam postagens diárias, mas haviam postagens que estavam dentro desse recorte. No final do trabalho, colocarei em diante os *prints* das postagens (optou-se em recortar a imagem original, excluindo os nomes para resguardar a identidade dos sujeitos da pesquisa).

Foram encontradas postagens que estavam relacionadas a Olimpíadas no perfil de 10 (dez) estudantes de uma turma de 43 (quarenta e três). Eles serão nomeados da seguinte maneira: E(1), E(2), E(3), E(4), E(5), E(6), E(7), E(8), E(9), E(10).

Para ficar mais fácil a análise das postagens dos sujeitos da pesquisa fiz uma separação dos assuntos em 5 categorias: Esportes Individuais, Esportes Coletivos, Ginástica (artística e/ou rítmica), Momentos Históricos das Olimpíadas e Reflexões. Quando for falar das categorias sempre farei uma reflexão sobre as postagens, porém na categoria “Reflexão” haverá um aprofundamento no assunto discutido anteriormente. Alguns compartilhamentos dos estudantes foram classificados em mais de uma categoria. Uma postagem pode estar na categoria “Esportes Individuais”, mas por ser sobre um atleta da “Ginástica” também foi incluída nessa outra classificação.

Sobre Destaque das Olimpíadas (esporte individual) três estudantes fizeram postagens em seus perfis. E(1) compartilhou sobre Thiago Braz, Rafaela Silva e Simone Biles. E(8) também compartilhou sobre Rafaela Silva. Já E(10) postou uma foto que destacava o ginasta Arthur Zanetti. Destes atletas, quero destacar Arthur Zanetti, apesar de esse ter sido medalhista de ouro em Londres 2012 e prata no Rio 2016 os outros tiveram as suas histórias destacadas. Rafaela Silva foi a atleta a conseguir a primeira medalha de ouro para o Brasil. Simone Biles é um fenômeno na ginástica, principalmente no solo onde tem movimento que leva seu nome. Porém, Thiago Braz teve dois motivos de destaque sendo um bastante nobre, afinal ele foi o primeiro atleta brasileiro do salto com vara a conseguir a medalha de ouro em uma Olimpíada, infelizmente, o outro motivo não foi nada nobre, mas não foi por algo que Thiago Braz fez. A torcida brasileira, durante a final da prova de salto com vara, vaiou o francês Renaud Lavillenie adversário do atleta brasileiro. Foi necessário Thiago Braz pedir a torcida que parasse e houve vaias durante o momento da entrega da medalha de prata para o francês, sendo esse problema de falta de *Flair Play* da torcida brasileira destacado por Dantas Junior (2013). O legado educacional da Olimpíada era uma possibilidade que geraria benefícios necessários e muito importantes para a população (idem).



**Print E(1):** Esporte Individual. Thiago Braz. Imagem 1.



**Print E(1):** Esporte Individual. Rafaela Silva. Imagem 2.

**Print E(1):** Esporte Individual. Simone Biles. Imagem 3.





**Print E(8):** Esporte Individual. Rafaela Silva. Imagem 4.

Arthur Zanetti é prata nas argolas e dá adeus ao sonhado bicampeonato olímpico

Ana Cândida Santana Silva A manchete deveria ser: Arthur Zanetti é prata nas argolas e honra mais uma vez o seu país!

Curtir · Responder · 736 · 11 min

Consertando Manchetes  
15 de agosto de 2016 · 🌐

Curte a página

Mande sua sugestão de postagem via inbox

**Print E(10):** Esporte Individual. Arthur Zanetti. Imagem 5.



Na categoria Esportes Coletivos foram também 3 (três) estudantes que fizeram compartilhamentos sobre esses temas: E(1), E(5) e E(7). A postagem de uma foto compartilhada de “*Globo Esporte*” em que se compara a seleção de futebol feminino *versus* a seleção de futebol masculino questionando a humildade (ou a falta dela) da seleção masculina e um vídeo que mostra a comemoração da seleção de futebol feminino depois de uma vitória estavam na linha do tempo de E(1). Dois vídeos postados sobre a seleção de futebol masculina brasileira, sendo uma primeira em apoio a mesma – em um vídeo de humor da página “*Futebol é Arte, Ousadia Faz Parte*” – e a segunda um compartilhamento de um vídeo pessoal do jogo final das Olimpíadas, no qual a seleção brasileira masculina foi campeã, são os *posts* de E(5). Já E(7) fez as seguintes postagens: 3 compartilhamentos sobre a seleção brasileira de handebol masculino. Duas destacam um jogo que estava assistindo e também um texto do site “*7M Handebol Total*” que fala sobre a eliminação da seleção de handebol. Fez também uma postagem sobre as seleções brasileiras de futebol feminino, de voleibol feminino e handebol feminino, sendo essas três relacionadas a jogos que assistiu e demonstração de apoio a equipe. Além disso, E(7) também fez o compartilhamento de imagens para participar de uma promoção feita por “*7M Handebol Total*” na qual poderia ganhar uma camisa da seleção de handebol (feminina ou masculina dependendo do jogo) caso acertasse o placar do jogo. O que destacarei aqui serão as postagens sobre o futebol feminino, handebol masculino e futebol masculino, isso porque entendo que essas são mais válidas de serem exploradas na pesquisa.

Nas postagens sobre esportes coletivos veio átona 3 (três) discussões interessantes, há uma postagem que apoia a seleção feminina de futebol, mas questiona a seleção masculina. E houve um compartilhamento sobre a seleção masculina de handebol, no qual é colocado um texto feito por uma página do Facebook com base no que foi dito pelo capitão da equipe expondo a falta de organização e apoio da CBHb<sup>14</sup> com o campeonatos, clubes e atletas do handebol e a terceira que irei fazer análise é sobre um que leva o sentimento de torcedor de um estudante sobre a seleção brasileira de futebol masculino.

---

<sup>14</sup> Confederação Brasileira de Handebol.

O post questiona os resultados da equipe masculina – os quais iam mau – e as partidas da equipe feminina que estava indo muito bem na competição. No entanto, essa cobrança também tem outros possíveis motivos como o fato de o futebol masculino ser bem mais destacado no Brasil que o feminino, apesar disso elas iam jogando bem.



Globo Esporte  
August 6 · 🌐

👍 Like Page

Concorda com a charge do craque Mario Alberto?

**Print E(1):** Esportes Coletivos. Imagem 6.

Vale a reflexão...



7M Handebol Total

18 de agosto de 2016 · 🌐

17647012/651577651665040/?w=...

👍 Curtir Página

7M Handebol Total  
18 de agosto de 2016 · 🌐

👍 Curtir Página

#### Thiagus Petrus NOS REPRESENTA

Ao final do jogo Brasil e França, culminando na eliminação da seleção nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o capitão do combinado nacional, Thiagus Petrus foi corajoso, e falou o que nós da 7M Handebol Total vínhamos alertando há tempos, a total falta de planejamento da Confederação Brasileira de Handebol.

"Cada ano a Liga Nacional é um mistério. Nunca sabemos quantos times vão jogar. Então, espero que, assim como o feminino faz desde 2000, cada vez mais jogadores saiam para jogar na Europa e evoluam lá. Não sabemos dos projetos que temos. Só há um time profissional no Brasil hoje, que paga os salários, que é o Taubaté. A Metodista não está pagando. O Pinheiros caiu também", disse o jogador do Pick Szeged.

A total falta de interesse pelo handebol interno, aquele que é praticado no Brasil, reflexo da modalidade para toda sociedade, é notória por parte da CBHb. A Liga Nacional, é disputada apenas por clubes do eixo sul/Sudeste. Cada ano começa mais tarde e com incertezas de participantes. No feminino, naipes que fomos campeões mundiais em 2013, a situação é desesperadora. Com fechamento de equipes nacionais ano após ano. Como bem falado por Petrus, Pinheiros e Metodista, tradicionais equipe estão reduzindo seu investindo ano após ano. Qual o plano para que haja uma recuperação? A CBHb vai deixar os clubes morrerem?

Thiagus Petrus ainda completa: "Cancelaram uma fase de treinamento de meninos de 15, 16 anos, mas, pelo que eu sei, pagaram ingressos para todos os presidentes de confederações aqui no Rio".

As linhas aéreas Manoel Luiz! Não tem dinheiro para os acampamentos, para capacitar profissionais, para captar talentos, mas para pagar ingresso para presidentes de federações estaduais tem? O que a ida dessas pessoas têm à agregar? Qual o benefício?

● B

#### **Print E(6):** os dois prints são de Esporte Coletivo. Imagem 7.

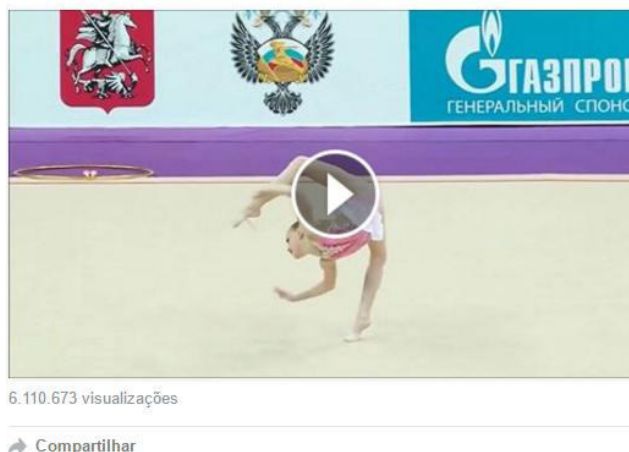
Esse compartilhamento destaca uma realidade da maioria dos atletas brasileiros que disputam as olimpíadas, porque fora dos campeonatos de Vôlei e Futebol os atletas brasileiros não possuem boas estruturas de profissionalização em seu esporte, claro, com raras exceções. Há ainda mais uma ressalva, pois os campeonatos de vôlei masculino e feminino no Brasil são autossuficientes e consegue pagar bem os atletas, inclusive, contratar atletas de outros países, porém no caso do Futebol brasileiro só o masculino tem estrutura para dar boa condição de trabalho para os esportistas, no entanto o futebol feminino não tem nem campeonato regular durante o ano.

Outro assunto presente nos prints foi a Ginástica, por haver pessoas que fizeram postagens especificamente apenas sobre esse tema e por ele está no perfil de 5 (cinco) participantes diferentes, preferi criar a categoria Ginástica (rítmica e/ou artística). Os estudantes E(1), E(3), E(6), E(9) e E(10) sendo que cada um deles fez uma postagem. Interessante identificar que nos posts de E(3) foi compartilhado no perfil dela por outra pessoa um vídeo e E(9) fez o compartilhamento do seu vídeo se direcionando especificamente para uma pessoa<sup>15</sup>. E(1) compartilhou uma imagem sobre Simone Biles

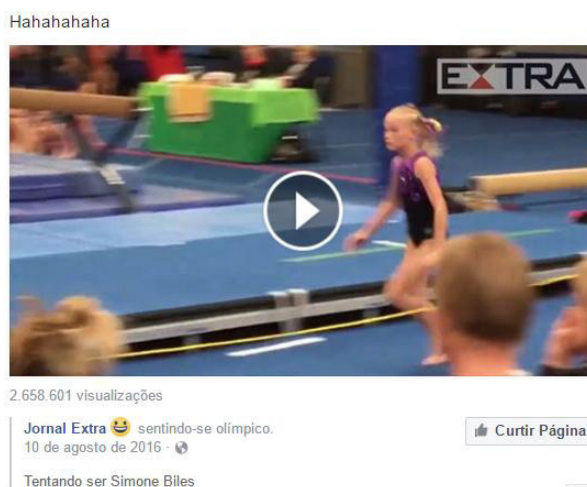
<sup>15</sup> Ele fez uma “marcação” nessa ferramenta é possível destacar um post para que uma pessoa ou várias seja notificada.

(vide imagem 3). E(3) teve um vídeo compartilhado em sua linha do tempo por outro usuário do Facebook, onde E(3) era comparada a ginasta que fazia apresentação de uma coreografia. Já o estudante E(6) postou um vídeo que mostrava várias jovens ginastas aprendendo movimentos, por isso foram compilados de forma cômica e foi compartilhado de Jornal Extra. Na postagem feita por E(9) há demonstração da evolução da ginastica olímpica desde 1950 até 2016, foi compartilhado da página do Facebook da Mtv News. E(10) compartilhou uma imagem sobre o medalhista olímpico brasileiro Arthur Zanetti (vide imagem 5).

A categoria da Ginástica (artística e/ou rítmica) trouxe uma variedade de postagens para análise. Houve print que exaltava a ginastica, outro mostrava um lado cômico e também os que faziam críticas a partir de acontecimentos relacionados ao esporte.



**Print E(3):** Ginástica. Imagem 8.



**Print E(6):** Ginástica. Imagem 9.



**Print E(9):** Ginástica. Imagem 10.

Alguns pontos destacaram fatos importantes na categoria da Ginástica (rítmica e/ou artística). Em outras categorias falei de dois prints relevantes sobre ginástica – prints de E(1) e E(10) – agora demonstrarei outros. No vídeo em que E(3) foi marcada está a demonstração do alto desempenho e performance máxima na competição mais importante para o atleta, que implica em possíveis modalidades de ginásticas como as variações entre rítmica e geral para discussões em escolas, assim já se pode fazer um link com o post de E(6), pois nele ao mostrar o fracasso de jovens ginastas, que gostariam de ser Simone Biles, pode ser reforçar o debate sobre o papel da escola/esporte, pois será papel do professor fazer de seus estudantes atletas? Mesmo em clubes para crianças saber se serão futuros profissionais do alto rendimento esportivo é uma situação delicada para ser pensada. Por fim, temos compartilhamento de E(9) que pode ser considerado como um ótimo ponto para se finalizar, afinal faz uma descrição da evolução de um esporte que sempre foi situado como “para poucos”, considerado elitista, pelos materiais utilizados no esporte e ginásios, pela complexidade de seus movimentos, além do próprio corpo dos atletas que sempre se destacam por as formas bem definidas de homens e mulheres, pelo tipo de código de avaliação. As provocações colocadas por E(1) e E(10) vão ser colocados na próxima categoria, por isso para não me tornar repetitivo farei a descrição da análise feita por (entre outras possíveis) quando for falar sobre Reflexões.

Antes de falar sobre os prints que destacavam provocações reflexivas a partir dos acontecimentos da Olimpíadas vou fazer a discussão da categoria “Sobre as

Olimpíadas”. Nela estão imagens de fatos que foram comentados pelos estudantes, mas não são destacando um esporte em si ou um atleta, no entanto fala do evento como acontecimento histórico ou festa que reuni uma multidão, portanto há desde um vídeo que conta uma história de uma prova onde aconteceu algo interessante na Olimpíada até os comentários que surgiram a partir da festa de abertura. Os participantes que fizeram postagens que fazem parte dessa categoria foram o E(1), E(5) e E(6). São 5 postagens 1 (uma) de E(1), 1 (uma) de E(5) e 3 (três) de E(6).



**Print E(1):** Momentos Históricos das Olimpíadas. Imagem 11.

No print selecionado da *timeline* de E(1) foi colocado uma polêmica que surgiu durante a festa de abertura das olimpíadas. Após a ex-modelo Gisele Bündchen desfilar durante a abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro, sem ter ganhado nenhum cachê

houve o questionamento sobre possíveis valores dados para a cantora Claudia Leite. Esse post gerou um debate entre os amigos do Facebook da participante, nos comentários da postagem. Isso por causa de um assunto que foi central durante os Megaeventos Esportivos no Brasil: os gastos públicos. Tendo em vista a possibilidade de planejamento para criação de evento que fosse bem feito e sustentável e, principalmente, levando-se em conta a realidade brasileira. Essa imagem colocada mostra como todo o evento perpassa por uma discussão que deve ser exposta a população brasileira, portanto destacado em aula por professores nas escolas. Vamos ao segundo print.



**Print E(6):** Momentos Históricos das Olimpíadas. Imagem 12.

Destaquei essa postagem, por dois motivos. Ela tem teor histórico e é de uma página relacionada apenas à olimpíadas. Na verdade, é um vídeo em que se faz um *marketing* à cultura olímpica. Ainda há momentos em que nas Olimpíadas a cultura se destaca os valores de superação, *flair play*, competição entre outros (apesar de se estar perdendo isso). No dia 21 de agosto de 2016 foi criado o canal do COI, logo após as Olimpíadas do Rio para divulgar em tempo integral material que falam sobre as olimpíadas<sup>16</sup>. O que mostra a constante evolução na esfera do *espetáculo*. Agora passamos a última categoria de prints.

<sup>16</sup> Retirado do site: <http://olimpiadas.meioemensagem.com.br/2016/08/16/coi-apresenta-canal-olimpico/>

A categoria de Reflexão é qual posts que destacam, especificamente, as contradições ocorridas a partir das situações criadas por meio e durante o Megaevento Esportivo. Para fazer a leitura do que foi postado utilizarei uma estratégia diferente do que havia feito antes, pois colocarei a imagens que fazem debates parecidos para em seguida desenvolver a análise.

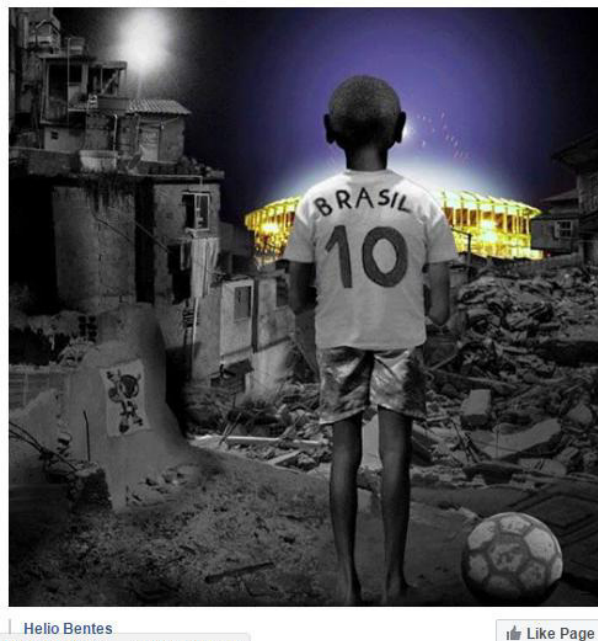


**Print E(1):** Reflexão. Imagens 13.

O print de E(1) propõe uma discussão de assunto já visto nas imagens 5 e 7. Fala de uma grande contradição da Olimpíada realizada no Brasil. Um país – por meio da mídia – que cobra seus atletas sem que antes aja uma política de desenvolvimento do esporte deveria sediar um Megaevento Esportivo? Os atletas são cobrados por resultados pela população que não conhece grande parte da realidade do esporte no país. O que acontece é que enquanto deveria existir uma estrutura de apoio ao esporte que desse suporte aos atletas brasileiros para que sua atividade de treino seja possível, ou seja, a profissionalização do esporte. Pelo contrário, atletas no Brasil tem de depender de si mesmos e familiares (na maioria das vezes) para disputar competições e conseguir ter uma rotina de treino. O patamar do esporte brasileiro não condiz com o que é requerido para sediar uma competição olímpica. Mas os interesses por trás dos Megaeventos eram de desenvolvimento do esporte?

---





**Print E(1):** Reflexão. Imagem 14.

Enquanto a imagem 13 demonstra um ponto central da falta de estrutura do esporte brasileiro, a imagem 14 mostra a grande contradição da desigualdade. A pobreza da população entra em contraste com os gastos bilionários para a realização do evento, talvez no Rio de Janeiro isso é mais chocante diante da cidade com uma população dividida em pessoas que moram em morros onde há favelas com condições de infraestrutura urbana péssimas e as pessoas que vivem no “asfalto”<sup>17</sup> com acesso para praias e calçadões onde é possível a prática de atividade física, além da paisagem exuberante. O que é trazido pela próxima imagem – que é um print de um vídeo – corrobora com a reflexão da Imagem 14, contudo é uma propaganda feita fora do Brasil.

---

<sup>17</sup> Como é chamado os locais fora da favela e mais abastados.



**Print E(4): Reflexão. Imagem 15.**

Na propaganda do material esportivo *XXL Sport & Villmark* com sede na Noruega vemos o Rio de Janeiro além da olimpíada. O enredo da propaganda se inicia quando um motoqueiro de capacete preto perde sua carteira em uma quadra dentro da favela, então um garoto tenta devolvê-la e em meio a isso ele é perseguido pela polícia. Esse menino ao passar por várias partes da favela com seus problemas, mas quando sai do morro e chega a praia encontra uma imagem que contrasta totalmente com a pobreza das pessoas do início da campanha publicitária, pois a situação abastada nesse “novo lugar” é clara, então temos a realidade da cidade que sediou as olimpíadas. Um Estado corrupto, atletas sem estrutura de treino e a população que faz de tudo para viver honestamente em meio a desigualdade social extrema<sup>18</sup>.

Houve vários prints das postagens dos participantes da pesquisa sobre as olimpíadas que não coloquei aqui no trabalho por não considerá-los tão relevantes para serem discutidos e não deixar a pesquisa demasiadamente “inchada”. No entanto, é preciso aprofundar alguns assuntos, por isso farei uma entrevista com 4 (quatro) participantes. Farei pergunta que serão escolhidas de acordo com as postagens de cada um. Por considerar os posts das imagens da categoria Reflexão com relevância de aprofundamento com os participantes por meio entrevistas sobre elas, assim a entrevista será com E(1), E(4), E(7) e E(10).

<sup>18</sup> Link com a campanha publicitária: <https://www.youtube.com/user/XXLTheTube>

## ENTREVISTA/RETRATO FALADO

Esse momento da pesquisa – tão importante quanto os outros – também foi quando tive que fazer novas adaptações no plano do projeto. Ao procurar contato com os estudantes que escolhi para pesquisar não obtive resposta de dois deles. Então, as entrevistas que estavam previstas para quatro pessoas reduziram para duas. Entrevistei E(1) e E(7). As imagens que guiaram as entrevistas foram 7, 13 e 14. Não segui uma ordem de entrevista baseado na identificação numérica dos participantes ou que remetesse as postagens, apenas entrei em contato e marquei o encontro de acordo com a comodidade de entrevistado e entrevistador. Assim, o primeiro a ser entrevistado foi E(7). Esse estudante é o único que conhecia daquela turma antes de realizar a pesquisa. Por isso, consegui marcar o encontro para a entrevista mais rapidamente. Apenas algumas semanas depois de ter entrevistado E(7) que consegui entrevistar E(1).

O processo para realizar a entrevista foi baseado na *Entrevista Reflexiva*. Para isso, delineei alguns pontos como essenciais. Decidi que faria um encontro presencial cada um dos entrevistados para que no momento da fala e escuta houve uma interação entre nós que foi mais pessoal e subjetiva do que se tivesse feito tudo por *webcam*, por exemplo. Além disso, as perguntas eram subjetivas, pois foram feitas de acordo com a postagem dos estudantes<sup>19</sup>.

Farei a exposição dos principais temas dentro das entrevistas. Iniciarei com a entrevista de E(7) por ser apenas uma postagem que será aprofundada na pesquisa, enquanto que são três de E(1). Em uma conversa por meio de redes sociais fiz contato com E(7), então agendamos um dia conveniente para os dois. Nos encontramos na UFC e procuramos um local no Instituto de Cultura e Arte (ICA) lá achamos mesas e cadeiras para nos acomodarmos para a entrevista. Havia levado um papel com as perguntas e ao fazê-las para E(7) gravei em meu celular apenas suas respostas. Conversamos sobre suas postagens no período das Olimpíadas e expliquei qual o sentido da entrevista dentro da pesquisa, isso de forma rápida. Então, falei qual post seria o tema da entrevista. A imagem 7, nela temos a foto do capitão da seleção de handebol masculino e sua carta a Confederação Brasileira de Handebol. As perguntas foram duas: “Por que ele fez aquela postagem?” e “Como poderia tematizar aquela postagem em uma aula?”. Nelas eu instigava o entrevistado a explicar suas ideias para extrair o máximo de informação.

---

<sup>19</sup> Perguntas das entrevistas no final.

Ao ouvir E(7) ficou claro que o sentimento de pertencimento com o esporte handebol. Primeiramente, esse declarou ex atleta da modalidade, pois praticou durante quatro anos em nível escolar, apesar de não ter sido atleta profissional naquele período ele pode viver muitas experiencias dentro do esporte. Destarte, ele viu um viiu importância naquela postagem, porque aquela era a divulgação da “luta” que os atletas dessa modalidade vivenciam. A luta pela “visibilidade” (na mídia) do esporte como os outros três esportes que são mais praticados no Brasil (basquete, vôlei e futebol). E(7) fala que enquanto o basquete tem a Liga Nacional de Basquete (NBB) com um horário na televisão aos sábados, o vôlei com as transmissões das seleções e das finais do campeonato nacional da Superliga de vôlei, o futebol com horários tradicionais as quartas e domingos, o handebol não possui transmissão de jogos em canais abertos de TV. Outro ponto destacado pelo entrevistado, foi que os atletas – sem apoio da confederação – imigram para clubes europeus com a perspectiva de lá conseguir o treinamento, estrutura, organização, perspectiva salarial que não conseguem nos clubes do esporte nacional. Portanto, ele fala de uma identidade com a luta do esporte (atletas) por maior visibilidade nacional. Por isso, ele usou seu perfil na rede social como meio de transmissão dessa informação.

19 de agosto de 2016 ·

Vale a reflexão...

**7M Handebol Total**  
18 de agosto de 2016 ·

Thiagus Petrus NOS REPRESENTA

Ao final do jogo Brasil e França, culminando na eliminação da seleção nos Jogos Olímpicos Rio 2016, o capitão do combinado nacional, Thiagus Petrus foi corajoso, e falou o que nós da 7M Handebol Total vínhamos alertando há tempos, a total falta de planejamento da Confederação Brasileira de Handebol.

"Cada ano a Liga Nacional é um mistério. Nunca sabemos quantos times vão jogar. Então, espero que, assim como o feminino faz desde 2000, cada vez mais jogadores saiam para jogar na Europa e evoluam lá. Não sabemos dos projetos que temos. Só há um time profissional no Brasil hoje, que paga os salários, que é o Taubaté. A Metodista não está pagando. O Pinheiros caiu também", disse o jogador do Pick Szeged.

A total falta de interesse pelo handebol interno, aquele que é praticado no Brasil, reflexo da modalidade para toda sociedade, é notória por parte da CBHb. A Liga Nacional, é disputada apenas por clubes do eixo sul/Sudeste. Cada ano começa mais tarde e com incertezas de participantes. No feminino, naipes que fomos campeões mundiais em 2013, a situação é desesperadora. Com fechamento de equipes nacionais ano após ano. Como bem falado por Petrus, Pinheiros e Metodista, tradicionais equipe estão reduzindo seu investindo ano após ano. Qual o plano para que haja uma recuperação? A CBHb vai deixar os clubes morrerem?

Thiagus Petrus ainda completa: "Cancelaram uma fase de treinamento de meninos de 15, 16 anos, mas, pelo que eu sei, pagaram ingressos para todos os presidentes de confederações aqui no Rio".

As linhas aéreas Manoel Luiz! Não tem dinheiro para os acampamentos, para capacitar profissionais, para captar talentos, mas para pagar ingresso para presidentes de federações estaduais tem? O que a ida dessas pessoas têm à agregar? Qual o benefício?

Imagem 7. Foto do capitão da seleção brasileira de Handebol e sua carta a confederação de brasileira de handebol.

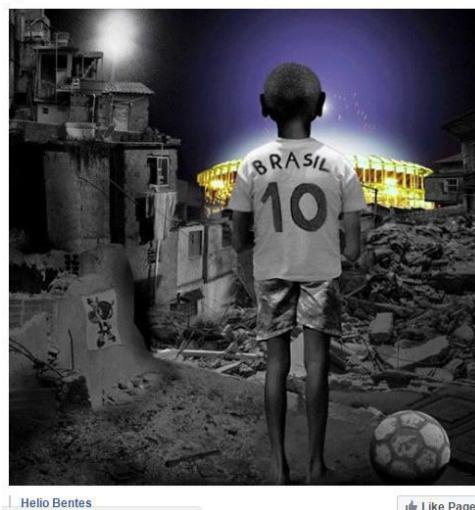
Quanto à segunda pergunta, “Como poderia tematizar aquela postagem em uma aula? ”. Primeiro, ele destacou que poderia utilizar o tema no ensino médio, porque

considera que eles estariam mais maduros para trabalhar as questões relacionadas a “não visibilidade do handebol”. E(7) não descreve como seria uma aula com esse tema, mas fala em problematizar o assunto para que os próprios alunos se questionassem como o esporte que a exemplo do futsal, vôlei e basquete necessita de uma quadra e uma bola pode estar bem menos visível no quadro nacional em relação aos outros três esportes? Mesmo ele estando entre um dos esportes que mais é abordado nas escolas brasileiras não tem o público consumidor que os outros tem. Disse também que poderiam ser feitos seminários. Nesses utilizariam o mote da “não visualização” para apresentar o que não é visto nos esportes como garotas que jogam futsal, outras modalidades como o atletismo que não está presente na escola, até mesmo em nível mundial como mulheres que jogam rúgbi nas Filipinas. Apesar de não descrever uma aula o discurso do estudante contém problematizações relevantes para o contexto educativo do esporte, ao ser uma leitura da realidade a partir das vivências que os esportes geram. Agora passaremos para a entrevista de E(1).

O participante da pesquisa E(1) teve mais posts relevantes para a pesquisa. Dentre eles dois foram selecionados para serem aprofundados em entrevista. Fiz as perguntas sobre a imagem 13 e 14. Na imagem 13 há um questionamento a respeito da valorização (ou falta dela) do atleta, pois muitas vezes é feito a crítica sem se conhecer os desafios pelos quais ele passa para manter sua rotina de treino. E na imagem 14 mostra um garoto magro de pele negra em um ambiente de miséria em uma favela com uma camisa da seleção brasileira de futebol e uma bola próxima do seu pé, enquanto olha ao longe um estádio bem iluminado e “reluzindo de novo”, em suma um contraste entre a pobreza e a extravagância. As perguntas da entrevista seguem a mesma ideia das feitas com E(7). Sobre a imagem 13 perguntei “O que motivou aquela postagem? ” e “Como ela poderia utilizar aquela imagem em uma aula na escola? ”. Da imagem 14 perguntei “Por que postar a imagem com a representação daquela criança? ” e “Seria possível tematizar essa imagem na escola? ”.

E(1) iniciou seu discurso dizendo não ser atleta. No entanto, conhecer a realidade difícil de quem é atleta profissional (ou até para os semiprofissionais). Ressalta, os por menores que “fazem” um atleta olímpico como a rotina de treino, alimentação controlada e abdicção, além do investimento com material. Ao falar da abdicção dos atletas de atividades que atrapalhem sua rotina de treino ainda há problemas para conseguir patrocinadores. Assim, atletas procuram fazer investimentos pessoais para participarem de campeonatos sem que o retorno seja em curto prazo. Cita

um amigo halterofilista que compete semiprofissionalmente e que faz investimentos pessoais, mas os seus resultados não trazem retorno financeiro. Continua dizendo que as expectativas do público são na maioria das vezes por resultados expressivos, ou seja, no mínimo uma medalha (e de preferência de ouro). Por fim, E(1) fala mais do investimento “para se um corredor chegar ao topo ele tem que gastar bastante solo de tênis caro”. Com isso fala que só quando os resultados aparecem que o apoio aparece para o atleta (na maioria dos casos). O estudante ao ser questionado sobre essa inversão de valores que acontece em diversas modalidades esportivas brasileiras de se esperar primeiro pelo resultado do atleta para só depois realizar investimento na sua preparação ele disse “Isso provoca exceções”. Entendo isso como a falta de regularidade no esporte brasileiro, pois poucas modalidades conseguem manter resultados como o judô e o vôlei. Enquanto que em esportes como o atletismo, natação e basquete existem resultados expressivos, mas foram exceções de grandes atletas que passaram por essa modalidade sem que se tenha conseguido dar continuidade.



Imagens 13 e 14, respectivamente. Fotos e texto falando sobre a vida de um atleta profissional. E imagem de um garoto da favela vendo o estádio olímpico ao longe.

Perguntei para o participante E(1) sobre a imagem 13, se e como ela poderia ser tematizada em uma aula na escola. Ao passo que a resposta foi afirmativa. Contudo, considerava que precisava estudar para desenvolver tal aula. Ao se instigada, pessoa que “faria os alunos pensarem”, “não diria apenas o que achava para eles”, “criaria situações problemas para eles refletirem”. Portanto, considerava o conteúdo, mas não saberia no momento qual estratégia utilizar. A exemplo da resposta do estudante E(7) que deu resposta semelhante.

Agora as duas perguntas sobre a imagem 14, a primeira foi “por qual motivo (o que motivou) a postagem daquela imagem? ”. Da sua resposta ressaltarei três pontos: olimpíadas e realidade social brasileira, compartilhamento que choca, educação física e visão de mundo. Do primeiro ponto, avalia que uma criança não possuía entendimento para entender a dimensão de o que é uma olimpíada, quanto mais uma criança que vive em condições precárias de moradia e educação em uma favela. Então evoluímos para o segundo ponto, aquele é um retrato de como a maioria da população enxergou o evento, e isso choca tanto que houveram muitos compartilhamentos dela em alguns momentos das olimpíadas. Dito isso, o seu discurso de direciona a educação física e a formação que sensibiliza. A partir dos conteúdos dentro do curso, o estudante considera que seu olhar para passou por uma ampliação da sensibilidade, por meio de vivências geradoras de reflexão. Questionei se seria possível uma aula na escola que tematizasse a imagem 14. O que foi uma pergunta na qual o participante ficou por um momento refletindo, pois considerou que seria uma tarefa difícil. O que me fez perguntar se era mais fácil pensar no projeto de aula para o ensino médio com esse conteúdo, então sua resposta foi de que era um tema para ser trabalhado continuamente, dessa forma, se falou em uma evolução gradual do conteúdo dentro da disciplina de educação física. Pois, para o estudante se tornaria algo vago para estudantes de ensino médio receber aquela reflexão sem que isso tenha começado a ser construído anteriormente no ensino fundamental. Ainda assim, fiz mais uma pergunta: “se houvesse algo sobre as olimpíadas que você quisesse ensinar na escola o que seria? ”. O participante citou o seu estágio, pois lá há as olimpíadas escolares todo ano. Portanto, ele queria poder dar a chance de vivenciar a competição com suas vitórias e derrotas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa identificou nos estudantes um olhar sensível a questões que foram além do esporte, ou seja, uma visão social do megaevento esportivo. Contudo, também foi percebida, certa dificuldade de definir uma estratégia norteadora para abordar essas questões em aula, se fossem atuar como professores. Devemos pensar que a perguntas da entrevista eram complexas e não houve preparação, porém dentro das possibilidades de fazer a leitura das respostas da entrevista é relevante aprofundar esse dado. E mais um ponto para ser levado em conta é o período em que foi feito as postagens, ou seja, quase um ano antes das entrevistas. Portanto, os motivos e pensamentos daquele período não são os mesmos, dessa forma, com certeza foi difícil falar sobre o que era preciso recordar.

Ao realizar as perguntas tentei fazer uma possível correlação entre o que era postado pelos participantes e sua futura profissão de professor de Educação Física. Mas é importante ressaltar que o que é postado por usuário de uma rede social como o Facebook não tem obrigatoriamente relação com o trabalho ou estudo do mesmo. Além disso, os resultados da entrevista são limitados pela quantidade de participantes que aceitaram (apenas dois), mesmo que pensarmos que inicialmente eram quatro as propostas de entrevista já tínhamos dados em pouca quantidade.

As respostas dos participantes tiveram muita riqueza de conteúdo, principalmente, quando pensamos que se tratava de uma competição que representa o máximo do rendimento no esporte, contudo eles fizeram diversas análises transversais sobre o assunto. A partir das postagens e da conversa que tive com eles vieram questões sociais, educacionais, gênero e outras mais. Decidi abordar o que para mim podia ser um tema que é debatido por discentes e docentes do Instituto de Educação Física e Esportes, o currículo. Ao perceber essa como uma abordagem do que eles haviam me respondido, pois a conversa emperrava quando falávamos de abordagem de temas. O que pode ser considerado natural a ter certo ponto pela dificuldade da tematização, mas que ainda assim um tema relevante a ser abordado.

Apesar da literatura da Educação Física ter produzido desde a década de 1980, diversas abordagens (como a crítico-superadora, crítico-emancipadora e construtivista) o discurso destes estudantes de licenciatura na reta final do curso não foi consistente para se posicionarem epistemologicamente. Em relação aos conteúdos, um trecho da entrevista feita com E(1) veio à tona o discurso de que, diferente de outras matérias



escolares, a Educação Física não possui uma grade de conteúdos para cada ano, não há algo predeterminado a ser ensinado então ficava em aberto a pergunta: quando e como abordar esta temática?

A prática pedagógica requer fundamentação teórica. A distância entre prática e teoria no curso de Educação Física é um problema debatido na literatura acadêmica, ou seja, o que foi relatado pelos estudantes em entrevista não é um dado novo. É provável que a solução desse problema não seja em curto prazo. Os cursos de Educação Física ainda são em maiorias razoavelmente recentes, por exemplo, o curso da Universidade Federal do Ceará foi criado em 1993. E o Instituto de Educação Física e Esportes – local onde os sujeitos da pesquisa estudam – só foi inaugurado em 2009. Por isso, creio que o curso ainda esteja em processo de afirmação em certos aspectos.

A reflexão sobre os currículos no Instituto de Educação Física e Esportes esteve em pauta durante a minha caminhada no curso. E os debates em produções científicas são necessárias para a evolução do currículo. Para isso precisamos evidenciar por quais problemas passam os currículos dos cursos. Assim, poderemos propor soluções, ou mesmo, lutar por elas.

Identificar problemas no curso de Educação Física não era o objetivo da pesquisa, porém dentro da visão dos estudantes do curso isso se tornou o dado relevante para o trabalho. Ao tratar da formação dos futuros professores os resultados da pesquisa ganham relevância de conteúdo.

A análise seguiu uma proposta de pesquisa que levasse em conta o investigado e o investigador como sujeitos. E por isso, o trabalho analisou dados com a perspectiva de um sujeito que conta sua história. Destarte, a importância da realização das entrevistas e os dados alcançados a partir delas. Ressalto também ter conseguido uma análise da perspectiva de um sujeito local, a respeito de um evento global.

Durante a produção desse trabalho foi divulgado a sede da próxima Copa América de Futebol 2019<sup>20</sup>. O Brasil foi a sede escolhida para esse que é um megaevento esportivo de proporções regionais, pois envolve apenas as seleções nacionais dos países da América do sul. Portanto, os temas dos Megaeventos Esportivos continuaram sendo debatidos na sociedade brasileira, apenas os contextos serão outros. É preciso que dentro dos cursos de Educação Física os Megaeventos Esportivos sejam discutidos, pois os dois possuem uma ligação.

---

<sup>20</sup> Retirado site: <http://www.lance.com.br/selecao-brasileira/copa-america-2019-sera-disputada-sete-cidades-brasileiras.html>. Em 22/06/2017.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Bárbara Schausteck de; MEZZADRI, Fernando Marinho; MARCHI JUNIOR, Wanderley. **Considerações sociais e simbólicas sobre sedes de megaeventos esportivos**. Motrivivência Ano XXI, nº 32/33, p. 178-192. Jun-Dez/2009. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p178/14118> > Acesso em: 03 de março de 2017.

ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter. **Esporte, Escola e a Tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar**. Em Aberto, Brasília, v. 28, n. 99, p. 131-143, jan/jun. 2013. Disponível em: < <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2389> > Acesso em: 08 de setembro de 2016.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Luciana. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Cadernos da Escola de Comunicação, Curitiba, 06: 1-12, 2008. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687> > Acesso em: 05 de outubro de 2016.

ANTUNES, Scheila Espindola. **O “país do futebol” na copa do mundo: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares**. UFSC. **Centro de Desportos**. Florianópolis-SC. P. 66 - 109. 2007. Disponível em: < <http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/teses-e-dissertacoes> >. Acesso em: 02 de agosto de 2016.

ARMSTRONG, Thomas. **Odisseia do desenvolvimento humano: navegando pelos 12 estágios da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro: esporte, televisão e educação física**. Unicamp. **Faculdade de Educação**. Campinas, SP. 1997. Disponível em: < [https://feffd.ufg.br/up/73/o/Texto\\_112\\_-\\_A\\_janela\\_de\\_vidro\\_Esporte\\_Televis\\_o\\_e\\_Educa\\_o\\_F\\_sica\\_-\\_Mauro\\_Betti.pdf](https://feffd.ufg.br/up/73/o/Texto_112_-_A_janela_de_vidro_Esporte_Televis_o_e_Educa_o_F_sica_-_Mauro_Betti.pdf) > Acesso em: 04 de maio de 2016.

BETTI, Mauro. **Copa do Mundo e Jogos Olímpicos: inversionalidade e transversalidades na cultura esportiva e na educação física esportiva**. Motrivivência ano XXI, Nº 32/33, P. 16-27. Jun/Dez/2009. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p16> > Acesso em: 10 de agosto de 2016.

BEZERRA, Luiza Ferreira de Souza. **Os ingressantes na licenciatura em Educação Física da UFC: a escolha profissional como problema**. Instituto de Educação Física e Esportes-UFC. 2012.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **Reprodução, inversão e transformação: uma etnografia do esporte na escola**. UFSC. **Centro de Filosofia e Ciências Humanas**. Florianópolis. p. 57 - 70. 2005. Disponível em: < <http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/teses-e-dissertacoes> >. Acesso em: 20 de agosto de 2016.

BRASIL, **Legados dos megaeventos esportivos**. Brasília, 2008.

BRÜGGEMANN, Ângelo Luiz. **Cultura e tecnologias: netnografia com jovens futebolistas brasileiros na Europa**. UFSC. Florianópolis-SC. 2015. Disponível em: <<http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/teses-e-dissertacoes?start=30>> Acesso em: 06 de junho de 2016.

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. **Espetacularização da escola: a Educação Física, o esporte e os megaeventos esportivos**. Em Aberto, Brasília, v. 28, n. 99, p. 33-44, jan/jun. 2013. Disponível em: <<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2381>> Acesso em: 03 de novembro de 2016.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física Escolar e megaeventos esportivos: desafios e possibilidades**. Este texto foi produzido originalmente para uma participação no Fórum Permanente [Educação Física Escolar e megaeventos esportivos desafios e possibilidades para a escola] promovido pela Coordenadoria Geral da UNICAMP e realizado em 14 de Maio de 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/10032>>

DEBORD, Guy. Sociedade do Espetáculo. eBooksBrasil.com. P. 11 - 52 & p. 139 - 159. 2003. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Acesso em: de 2016.

CAJUEIRO, Roberta Liana Pimentel. **Manual para elaboração de trabalhos acadêmicos: guia prático do estudante**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2012.

HACK, Cássia. LAZER E MÍDIA DE CULTURAS JUVENIS: uma abordagem da vida cotidiana. UFSC. **Centro de Desportos**. Florianópolis-SC. p. 79 - 88. 2005. Disponível em: <<http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/teses-e-dissertacoes>>. Acesso em: 27 de agosto de 2016.

MARINHO, Alcyane; NASCIMENTO, Juarez Vieira do; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli (Org.). **Legados do Esporte brasileiro**. Florianópolis : Ed. Da UDESC, 2014.

MASCARENHAS, Fernando. **Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunami**. Movimento, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 39-67, jan/mar 2012.

RIBEIRO, Sérgio. DA FABRICA AO CAMPO, VENDER TECIDO E VENDER ESPETÁCULO: tecendo os fios da história de um “casamento feliz”. UFSC. **Centro de Desportos**. Florianópolis. P. 30 - 54. 2005. Disponível em: <<http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/teses-e-dissertacoes>>. Acesso em: 10 de novembro de 2016.

MEZZARROBA, Cristiano. **Os jogos Pan-Americanos Rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares**. UFSC. **Centro de Desportos**. Florianópolis-SC. 2008. Disponível em: <<http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/teses-e-dissertacoes?start=30>> Acesso em: 20 de novembro de 2016.

MEZZARROBA, Cristiano... [et al.] (organizadores). **As olimpíadas e paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana:** investigando estratégias de agendamento e a mobilização da dialética global-local. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

MOREIRA, Wagner Wey; BENTO, Jorge Olímpio, organizadores. **Citius, Altius, Fortius:** Brasil, esportes e jogos olímpicos. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2014.

PIRES, Giovani De Lorenzi (organizador). “Observando” o Pan RIO/2007 na mídia. Florianópolis : Ed. Tribo da Ilha, 2009.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. **Netnografia:** incursões metodológicas na cibercultura. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em comunicação. 2005. Disponível em:< <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/55/0>> Acesso em: 10 de agosto de 2016.

SANTOS, Silvan Meneses dos. **MEGAEVENTOS ESPORTIVOS, EDUCAÇÃO FÍSICA E CONVERGÊNCIA DIGITAL:** consumo, circulação e produção por professores em formação inicial. Florianópolis, SC. 2014. Disponível em:< <http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/teses-e-dissertacoes?start=30>> Acesso em: 15 de outubro de 2016.

SZYMANSKI, HELOISA. **Plantão psicoeducativo:** novas perspectivas para a prática e pesquisa em psicologia da educação. Psic. da Ed., São Paulo, 19, 2º sem. de 2004(a), pp. 169-182. Disponível em:< [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752004000200009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752004000200009)> Acesso em: 15 agosto de 2016.

SZYMANSKI, Heloisa; CURY, Vera Engler. **A pesquisa intervenção em psicologia da educação e clínica:** pesquisa e prática psicológica. Estudos de psicologia, 2004(b), 9 (2), 355-364. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000200018&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2004000200018&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 15 de agosto de 2016.

SZYMANSKI, Heloisa. **A entrevista na educação:** a prática reflexiva. Liber Livro Editora. 4º edição. Brasília, 2011.

SZYMANSKI, Heloisa; Franco, Fernando Santini; Vezneyan, Marian; Ferraz, Sandra Marangoni. **Encontro Reflexivo:** o olhar de um grupo de mães para suas práticas educativas familiares. Anais IV, SIPERQ – ISBN – SD. Disponível em:< [www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/download/1594/1120](http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/download/1594/1120)> Acesso em: 15 de agosto de 2016.

TAFFAREL, Celi Nelza Zulke; SANTOS JUNIOR, Cláudio de Lira; Silva, Welington Araújo. **Megaeventos Esportivos:** determinações da economia política, implicações didático-pedagógicas e rumos da formação humana nas aulas de educação física. Em Aberto, Brasília, v. 28, n. 99, p. 57-66, jan/jun. 2013. Disponível em:<

<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2383>> Acesso em: 07 de outubro de 2016.

TONETTI, Cláudio. REPRESENTAÇÕES DA CULTURA ESPORTIVA E DA MÍDIA EM MOÇAMBIQUE NA PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO. UFSC. **Centro de Desportos**. Florianópolis. P. 28 - 35. 2009. Disponível em:<<http://www.labomidia.ufsc.br/index.php/aceso-aberto/teses-e-dissertacoes>>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.